

# Entre os *realia* e os *mirabilia*: Os discursos fantásticos de Mia Couto

## Between *realia* and *mirabilia*: Discourses of the fantastic in Mia Couto

GARCÍA, Flavio. *Discursos fantásticos de Mia Couto – mergulhos em narrativas de curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. 96p

SHIRLEY DE SOUZA GOMES CARREIRA\*

---

\* Doutora em Literatura Comparada (Ciência da Literatura) (UFRJ, 2000). Realizou estágio de pós-doutorado em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ, 2004-2005). É membro do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior/ BASis, INEP e do Banco de Consultores Ad Hoc da FUNADESP e da FAPERJ. Como ensaísta, tem trabalhos publicados em livros e periódicos do Brasil, México, Portugal, Estados Unidos e Inglaterra. Sua produção ensaística aborda os seguintes temas: pós-colonialismo, poesia, questões de identidade e de gênero, as obras de José Saramago, John Fowles, Salman Rushdie e Milton Hatoum, pós-modernismo, multiculturalismo e a produção textual dos escritores migrantes. Sua pesquisa atual focaliza as relações entre Literatura e Memória Étnica. Exerceu a função de professor adjunto-doutor I na Universidade do Grande Rio por 12 anos, onde também foi Coordenadora do Curso de Letras, Coordenadora do Curso de Especialização em Língua Inglesa, Coordenadora Pedagógica do Núcleo Multidisciplinar de Educação a Distância e Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas. É fundadora e faz parte do conselho editorial da Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO. Atua também como investigadora convidada do Centro de Estudos Linguísticos, Comparados e Multimídia da Universidade Autónoma de Lisboa. Atualmente, é Professora Titular do Curso de Letras da UNIABEU, Coordenadora do Programa de Apoio à Pesquisa, do Programa de Bolsas Institucionais e do Comitê Institucional do Programa de Iniciação Científica. Também exerce a função de editora da Revista e-escrita, do curso de Letras, e da Revista UNIABEU.

O termo “insólito” corresponde ao que é anormal, incomum, extraordinário e que ultrapassa os conceitos de realidade, verdade e até mesmo de gênero literário, pois sua presença na narrativa produz efeitos diversificados, cuja percepção é determinada por fatores como o tempo, o local e a cultura. Assim, é possível afirmar que o insólito ficcional é ambivalente, ou seja, tanto pode ser considerado como elemento constitutivo da ficção em si, como pode depender da percepção do leitor empírico.

O papel do leitor como decodificador do texto tem uma relação intrínseca com a interpretação do insólito no universo ficcional. A percepção deste exige que o leitor proceda à leitura a partir da “suspensão voluntária da descrença”<sup>1</sup>, uma espécie de pacto a ser estabelecido entre o leitor e o texto. A aceitação do pacto, ou *quid pro quo*, implica “a identificação do leitor empírico com o leitor potencial da obra, aquele que fora idealizado pelo autor quando da sua escrita, em suma: o leitor capaz de compreendê-la em sua amplitude e em seus mais profundos e ocultos significados” (CARREIRA, 2010, p.105).

Em *Discursos fantásticos de Mia Couto*, Flavio García reúne textos que abordam o insólito ficcional não apenas em uma perspectiva teórica, mas também por meio da análise de narrativas curtas e de média extensão do moçambicano Mia Couto, a fim de demonstrar que “as literaturas africanas de língua portuguesa recorreram a estratégias de construção narrativa comprometidas com a representação do insólito ficcional”, ou seja, com “diferenças instauradas pela incoerência entre a representação mimética verossímil e sua referencialidade no plano da realidade exterior à ficção” (GARCÍA, 2013, p.21).

Efetivamente, a proximidade temporal entre o *boom* da literatura hispano-americana e o processo de independência das ex-colônias portuguesas em África, conforme Flavio García enfatiza, justifica a presença, nas literaturas africanas de língua portuguesa, de estratégias do Realismo Maravilhoso, vertente literária que buscava restabelecer contato com as tradições, crenças e costumes subalternizados pelo Realismo. Aproximadas, assim, essas duas formas de independência, estética e política, não é difícil perceber nas literaturas africanas esse movimento de retorno ao mito, às lendas e crenças autóctones, que Flavio García aborda no primeiro capítulo do livro, dedicado aos “Traços

<sup>1</sup> Termo utilizado por Samuel Taylor Coleridge, em 1817, em *Biographia Literaria*, para especificar o comportamento esperado do leitor potencial dos seus poemas ante a descrição de eventos sobrenaturais.

identitários da realidade moçambicana sob as lentes do maravilhoso”.

Ao invés de buscar nas metrópoles europeias modelos que viessem a moldar suas literaturas nacionais, as novas nações debruçaram-se sobre as literaturas de outras ex-colônias que refletiam o imaginário autóctone, como os países da América Latina.

Nesse panorama, floresce a obra de Mia Couto, que, “sem abdicar do cenário maltratado pela colonização e pelas guerras” (GARCÍA, 2013, p. 23), volta-se para a tradição, para a ficção inserida em um mundo permeado por práticas locais, em que o diálogo entre o mundo dos vivos e dos mortos mistura-se aos rituais de magia e feitiçaria.

No segundo capítulo, o autor busca demonstrar que a literatura de Mia Couto consiste em uma “reconstrução mosaica da identidade moçambicana” (GARCÍA, 2013, p.25), desenvolvida a partir do resgate, por meio da ficção, de traços da memória ancestral, acrescidos de um magistral manusear dos fenômenos e aspectos linguísticos, entre eles a tensão entre a língua do colonizador e as muitas línguas locais, a ênfase à oralidade e as “brincadeiras”<sup>2</sup>.

Sendo produto de um contexto histórico, político, social e cultural próprio das nações que conquistaram sua independência após um longo período de dominação, a obra de Mia Couto transforma o espaço da ficção em locus de expressão do discurso contra-hegemônico. Ao fazê-lo, abraça o propósito primeiro da ficção pós-colonial, ou seja, fabricar a identidade nacional por meio da recolha de traços identitários dispersos, manifestando no âmbito da literatura a hibridiz própria do continente africano (GARCÍA, 2013, p. 26).

O terceiro capítulo, intitulado “Insólito ficcional”, consiste em uma reflexão sobre as manifestações do insólito, em que o autor promove uma revisão conceitual do termo em diálogo com tradições teóricas e críticas e manifestações ficcionais. Assim, aborda os diferentes significados atribuídos ao insólito ficcional: como categoria comum a variados gêneros literários ou como um macrogênero, em oposição a um sistema real-naturalista, reunindo sob sua égide um conjunto de subgêneros que têm na presença do insólito um traço comum, dentre eles: o fantástico, o maravilhoso, o estranho, o absurdo

<sup>2</sup> Inserção de ditos supostamente populares que, na realidade, são criações do autor. Cf. Prefácio de Ana Mafalda Leite em CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brincadeira vocabular*. Lisboa, Mar Além/ Instituto Camões, 1999, pp.7-8.

e o sobrenatural. Faz, ainda, distinção entre o realismo mágico, o realismo maravilhoso e o realismo animista, analisando as estratégias de construção discursiva que lhes são próprias.

No quarto capítulo, Flavio García aborda a apropriação de estratégias de construção narrativa real-maravilhosas em duas obras de Mia Couto: *A varanda do frangipani* e *Vinte e zinco*. A revisão teórica do realismo maravilhoso, que perpassa textos de Alejo Carpentier, Irlemar Chiami e Bela Jozef, é o ponto de partida para a argumentação do autor de que a literatura moçambicana, ao desviar o olhar dos modelos europeus, encontrou na América Latina, e em particular no Realismo Maravilhoso, a expressão contra-hegemônica que lhe serviu de inspiração.

Em vários textos citados por García, Mia Couto explicita a importância da literatura brasileira, mais especificamente das obras de Guimarães Rosa e Jorge Amado, na gênese da literatura dos países africanos de língua portuguesa. “A cultura brasileira”, conforme afirma o autor, “era um misto amalgamado de *realia* e *mirabilia*, que dava um tom mosaico, híbrido e multifacetado à identidade nacional” (GARCÍA, 2013, p.59).

Nas obras de Amado e Rosa, as identidades plurais nutrem-se de elementos naturais da realidade local brasileira e a sua chegada à África deu-se em um momento histórico em que, segundo as palavras de Mia Couto, faltava-lhes ser nação. Coube assim ao Brasil entregar às literaturas africanas de língua portuguesa “essa margem que lhes faltava para ser rio” (Couto *apud* GARCÍA, 2013, p. 57).

Em “Insólita sublimação em *Mar me quer*”, Flavio García demonstra que contemporaneamente não há como encarar como novidade a abordagem da obra de Mia Couto sob os pressupostos crítico-teóricos do Fantástico, seja na perspectiva genológica, que constitui o fantástico clássico, seja na perspectiva modal, que, segundo Furtado (1980), engloba um conjunto infinito de gêneros. O capítulo tem por objeto uma leitura crítico-interpretativa de *Mar me quer*, que se apoia em perspectivas teóricas do fantástico que perpassam a questão dos temas conforme Todorov, a noção de motivo segundo Tomachevski e os conceitos de desfamiliarização e estranhamento formulados por Chklovsky.

Os eventos insólitos em *Mar me quer* cumprem a função de instaurar a dúvida, fazendo com que a hesitação permaneça e o desfecho mantenha-se

indefinido, condição básica à consumação do gênero fantástico.

O último capítulo, intitulado “Personagem insólita, em ‘A gorda indiana’”, focaliza aspectos que, interrelacionados, implicam a estruturação das categorias essenciais da narrativa, ou seja, ação, personagem, tempo e espaço. García dá ênfase à categoria personagem em sua análise, uma vez que a semiotização do insólito ficcional ocorre no “corpo” da mulher, na sua caracterização física, que se transforma de um polo a outro, até desaparecer por completo, rompendo as barreiras da lógica, do espaço e do tempo.

Garcia revisita os textos de Mia Couto, lançando-lhes um olhar que encontra o seu espaço em meio à fortuna crítica da obra do autor moçambicano, que focaliza, dentre outras abordagens: a sua retomada das culturas orais africanas, por meio da reinvenção literária de histórias tradicionais que traduzem a mundividência dos povos moçambicanos ágrafos; as inovações e transgressões da linguagem; a resistência através do cultivo da memória; a reflexão sobre a complexidade da formação cultural do país via ficção; e a busca da identidade para a nação no período pós-independência.

A presença do fantástico nas literaturas africanas, em particular, é alvo de controvérsias, na medida em que há quem, a exemplo de Gilberto Matusse (*apud* BIDINOTO, 2004, p.41), considere que “o conceito de fantástico é formulado a partir de uma visão de mundo fundamentada no modelo racionalista ocidental”, enquanto as literaturas africanas “são produzidas dentro de um contexto onde vigoram outros modelos de pensamento”.

A obra de García, conforme bem explicita Jane Tutikian em sua Apresentação, não estabelece princípios que neutralizem óticas divergentes dos africanistas. A visão do autor é de que mesmo a literatura de uma cultura como a africana, em que não há estranhamento em relação ao trânsito entre o natural e o sobrenatural, pode suscitar no leitor empírico reações compatíveis com o conceito do fantástico, provocando uma inquietude frente à possibilidade de que se crê impossível.

Assim, a presença do fantástico nas literaturas africanas de língua portuguesa, como bem exemplificam os textos de Mia Couto selecionados por Flávio García, não estaria necessariamente presa à hesitação intratextual, ou seja, ao plano do universo ficcional, da *diegese*, onde os seres de papel transitam, mas assumiria um caráter extratextual, concretizado pelo leitor empírico, no ato da leitura.

## Referências Bibliográficas

- BIDINOTO, A. M. *História e mito em Cada homem é uma raça*, de Mia Couto. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2004. Disponível em: [http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=198](http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=198) >. Acesso em: 20 fev. 2012.
- CARREIRA, Shirley de S. G. Relações entre o insólito e os leitores empírico e virtual. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, Ano 16, nº 14, V. 14, p. 102-115, Jun.- Dez/2010.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *Biographia Literária*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/6081/6081-h/6081-h.htm>. Acesso em: 23/12/2013.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.
- GARCÍA, Flavio. *Discursos fantásticos de Mia Couto – mergulhos em narrativas de curtas e de média extensão em que se manifesta o insólito ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.
- LEITE, Ana Mafalda. “Prefácio”. In: CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brincriação vocabular*. Lisboa: Mar Além/ Instituto Camões, 1999. pp.7-8.